

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Globo

Class.: 02

Data: 27.02.61

Pg.: \_\_\_\_\_

### Levou os Índios a Devorar o Cadáver de Uma Criança Para Vender as Fotografias

**A** ACUSACÃO de haver o Sr. Fernando Cruz, funcionário do S.P.I., incitado um grupo de índios Pacaás Novos a devorar o corpo de uma menina de 9 anos, recém-morta, a fim de que pudesse fotografar a cena e posteriormente oferecer as fotografias a uma revista, que as comprou por Cr\$ 250.000,00, foi ontem formulada a O GLOBO por Dom Francisco Xavier Rey, Bispo da Prelazia de Guajará-Mirim, e pelo sertanista Gilberto Gama. Afirmaram eles que esses índios, embora afeiços à antropofagia e à necrofagia, ultimamente não mais se entregavam a tais práticas, graças à ação de catequese desenvolvida por um padre franciscano da

prelazia, e só concordaram em executar o ato diante da câmara do funcionário por insistência do mesmo. Disse, ainda, Dom Rey que o Sr. Fernando Cruz é um paranoico e desonesto, envolvido inclusive em um estelionato contra um fazendeiro de quem recebeu dois milhões de cruzeiros em troca de gado pertencente ao Governo. Acentuou estar esse indivíduo empenhado agora em fazer sensacionalismo para esconder seus crimes e conseguir a sua reinvestidura nas funções de chefe da missão do S.P.I. na Prelazia de Guajará-Mirim, de onde foi afastado há várias semanas.

#### Como Num Safari

O Sr. Gilberto Gama, que há poucos dias regressou ao Rio depois de passar dois anos nas selvas, como colaborador do Serviço de Proteção aos Índios, conta ter sido convidado para empreender uma incursão ao longo do rio Negro, por iniciativa do Sr. Fernando Cruz.

— Fernando Cruz — afirmou o sertanista — chegara a Guajará-Mirim com planos mirabolantes, dizendo ter carta branca do Presidente Jânio Quadros para agir. Conseguiu obtendo o endosso de Dom Rey para as compras que ia fazer no comércio local, no valor de 3 milhões e quinhentos mil cruzeiros. Na bagagem assim composta incluía-se quantidade razoável de garrafas de uísque e gêneros alimentícios dos mais requintados, como se tudo não passasse de um safari nas selvas. Levou mulher e filhos para a aventura e, depois de iniciada a descida do rio, escolheu um sítio aprazível na margem direita para ali instalar a barraca da chefia, com certo conforto, a que se acham pouco afeiços os autênticos sertanistas. Era um tipo estranho esse nosso chefe, que vivia vendo miragens, dizia poder sentir o cheiro de índios, quando estes estavam próximos, vivia dando tiros a esmo até para nos acordar. Mandou que eu e mais alguns companheiros nos embrenhássemos pelo rio Leje a fim de trazer uns índios mansos que nos ajudassem a estabelecer contatos com as tribos selvagens. Quando voltamos trazíamos conosco todos os 28 componentes de uma maloca com que havíamos topado na caminhada: não eram mansos. Mas fizeram amizade conosco e insistiram em nos acompanhar. Ao vê-los, Fernando deu-se por satisfeito em sua missão e disse que ia a Guajará-Mirim, contar que havia pacificado uma tribo composta de 1500 pessoas. Eu e o Padre Roberto, que nos acompanhava, recusamos a pactuar com ele, mas ainda assim seguiu para a cidade a pretexto de buscar remédios. Lá ficou dois meses, entregue, como ficamos sabendo depois, a grandes orgias em companhia de políticos da localidade que o exaltavam como autêntico herói, enquanto os demais componentes da missão permaneciam nas selvas, enfrentando todas as provações.

Descreve, ainda, o Sr. Gilberto Gama o pânico de que se achou possuído o chefe da missão, quando, tempos depois, voltara de uma incursão ao rio Negro, contando haver sido atacado a flechadas por um grupo de índios. Transtornado, o chefe mandou estender um círculo em torno do acampamento, como se estivesse esperando ataque maciço, quando até os meios experimentados sabiam que os índios sempre fugiam e não ousavam a repetir ataque ao homem branco, depois de uma investida malograda.

— Fernando — prossegue o Sr. Gilberto Gama — ficou possesso quando lhe sugeri que, em vez de nos entregarmos a inútil desespero, nos puséssemos no rastro dos índios para tentar estabelecer contato com eles. Contra suas ordens, e considerando-me já demitido, organizei pequena expedição de que par-

ticipavam também o Padre Roberto e alguns indígenas mansos, acabando por localizá-los e induzi-los a fazer uma visita amistosa ao nosso acampamento. E, aí, Fernando não perdeu a oportunidade para capitalizar as glórias do feito. Deixou-se fotografar ao lado dos chefes Pacaás novos e com essas fotografias foi fazer a sua promoção pessoal junto a imprensa de vários Estados. Mas a mim ele não perdoava. Quando me demiti, por não me conformar com as suas alucinações megalomaniacas, ameaçou-me de morte.

#### Antropofagia

O Sr. Gilberto Gama confirma que a antropofagia e a necrofagia é prática generalizada entre os índios que habitam a extensa região de cem mil quilômetros quadrados, entre o Rio Guaporé-Mamoré e a Cordilheira dos Parecis, na fronteira da Bolívia. Ele próprio chegou a presenciar o ato de canibalismo praticado com o corpo de uma indiazinha de 9 meses, recém-morta. Tentara impedir a consumação do ato, mas diante da obstinação dos índios, nada pôde fazer. Viu o corpo ser amarrado sobre um traseiro, depois atirado pela própria mãe, que se incumbiu de distribuir os pedaços entre os varões da tribo. Os ossos, depositados num lugar determinado, eram depois envolvidos em palha e atirados ao fundo do rio, onde os selvagens acreditavam que as almas dos mortos, sob a égide do deus Tura-Tura, passavam a exercer vigilância sobre os peixes, para assegurar boas pescarias aos seus parentes vivos.

— Depois daquilo, entretanto, conseguimos aos poucos induzi-los a abandonar a arte prática, convencendo-os a enterrar os mortos. Os índios chegaram a ficar fascinados com o ritual funebre executado pelo Padre Roberto, e passaram a exigir a presença do prelado sempre que ocorria uma morte. Quando Fernando tirou as fotografias da

criança de 9 anos sendo devorada pelos seus próprios parentes, já se havia generalizado entre eles o hábito de enterrar os mortos. Só concordaram em voltar ao antigo ritual para satisfazer o homem branco.

E concluiu, com o assentimento de Dom Francisco Rey:

— Para provar esta acusação temos os depoimentos dos demais membros da missão a quem Fernando Cruz abandonou no meio das selvas, sem dinheiro e sem recursos para sobreviver.